

Jornalismo gonzo. Um programa de rádio.

Profa. Dra. Betania Macie¹
Adriano Siqueira Ramalho Portela, Elias Roma
Neto, Pedro Eduardo Moreira, Rafael Sanges
Soares, Rodrigo Ramos Novaes²

Este estudo apresenta como elaboramos um programa de rádio que explica a história de Hunter Thompson que no âmago de seu ser desejava criar uma nova forma de fazer jornalismo, algo que transcendesse a razão da complexidade moderna, uma forma singular. Nossa contribuição não é somente informativa, mas desde o ponto de vista da análise científica, explorar como características da linguagem do rádio (meio) podem ser utilizadas eficazmente para descrever o próprio conteúdo informativo (mensagem), no caso um estilo de jornalismo agressivo e livre de formalidades características de outros meios.

Palavras Chaves: Rádio, jornalismo gonzo, estudos de meios.

1. Breve história do jornalismo gonzo

O jornalismo gonzo pode ser entendido como uma “proposta discordante no jornalismo”, seja pelas pautas incomuns em relação ao jornalismo tradicional, seja pelo próprio modo de realizar a atividade jornalística. Neste sentido, podemos remontar suas origens ao chamado *New Journalism*, uma proposta surgida na década de 1950 nos Estados Unidos, cujo ideal era aproximar o jornalismo à literatura (DANTON, 2003).

¹ Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, Professora da disciplina Teoria da Comunicação do Curso de Jornalismo do CESBAM-AESO Centro de Estudos Superiores Barros Melo – Ensino Superior de Olinda (betania_maciel@terra.com.br).

² Alunos do Curso de Jornalismo do CESBAM-AESO Centro de Estudos Superiores Barros Melo – Ensino Superior de Olinda. (reporterportela@hotmail.com).

Na verdade, a idéia não era exatamente nova, pois muitos escritores já haviam utilizado métodos de investigação jornalística (por exemplo Charles Dickens) ou realizado relatos tão extensos e completos que uniam literatura e reportagem jornalística, como foi o caso de Euclides da Cunha, com *Os Sertões*. Esta geração de jornalistas, dos quais os principais expoentes são Lillian Ross, Truman Capote³, Tom Wolfe e Gay Talese, vai mais além, porém.

Assim, esta proposta experimental de jornalismo utilizava passagens explicativas, descrições de cenas, mudanças no ponto de vista, monólogos interiores, citações de diálogos completos, caracterização de personagens, utilização de sinais de pontuação pouco convencionais (exclamações, reticências), interjeições, onomatopéias e inclusive palavras sem sentido algum. Em outras palavras, não somente informação normalmente dispensada da prática jornalística, mas inclusive desafiantes de sua tão buscada neutralidade e objetividade. Gay TALESE (1973) dizia, porém, que embora o novo jornalismo pudesse ser lido como ficção, não se tratava de tal, pois a veracidade e a exatidão eram metas, ainda que certas liberdades fossem tomadas, como por exemplo transcrever o pensamento das pessoas⁴

O *Gonzo Journalism*, ou simplesmente, jornalismo gonzo aparece como gênero literário-jornalístico cáustico e irônico, baseado *New Journalism*, mas desenvolve-se de forma independente. Para compreendê-lo é necessário conhecer seu “inventor” e principal expoente, Hunter S. Thompson. Thompson nasceu no dia 18 de julho de 1939 (as biografias divergem entre 1937 e 1939) em Louisville, no Kentucky. Uma criança violenta,

³ O autor que inaugura o *New Journalism*, com uma entrevista extremamente pessoal e subjetiva com o ator Marlon Brando, titulada *O Duque em Seus Domínios* (1956) e que alcança a obra marco deste gênero com a novela-reportagem *A Sangue Frio* (1959).

⁴ Apesar da aparente falta de organização e objetividade, os praticantes do *New Journalism* realizam um trabalho intenso de coleta dos dados, muito mais longos que os utilizados normalmente, podendo conviver durante dias, até mesmo semanas, com os personagens sobre os quais escreviam. É a partir deste trabalho minucioso que eles justificam poder penetrar na vida subjetiva e emocional dos personagens, sem incorrer em erros ou inverdades.

tinha o hábito de atirar pedras nas pessoas. Aos oito anos de idade, foi chamado pelo amigo Walter Kaegi Jr. para escrever sobre batalhas americanas para o jornal do bairro chamado *Sothern Star*. O álcool e as drogas em sua vida não são acidentais. Seus pais, Virginia Ray e Jack, eram alcoólatras, e por conta disto tornavam-se violentos. Jack morreu aos 57 anos, devido a uma embolia cerebral, e a partir deste instante, sua mãe entrou de vez no vício, e Thompson, na época com 15 anos, começou a beber. Aos 17 anos monta um grupo de vandalismo e antes de completar 18 anos foi preso por sessenta dias por causa de um assalto. Depois de passar pela Força Aérea, como parte de sua sentença, escreve para vários jornais, trabalha em Porto Rico e ao voltar em 1962 para os Estados Unidos compra uma propriedade no Colorado, que se torna conhecida como *Owl Farm*, onde passa a residir. O grande salto vem quando convive durante dezoito meses com os membros da gangue de motociclistas *Hell's Angels*, para escrever uma reportagem publicada em 1965, na revista *Nation* e logo editada na forma de livro (*Hell's Angels: The Strange and Terrible Saga of the California Motorcycle Gang*). No artigo Thompson buscava trazer ao público “o outro lado da moeda”, fugindo do sensacionalismo e exagero com que os *Angels* eram retratados então e deixando aos leitores decidir por si mesmo como conceituá-los. Durante esse período de convivência com os motoqueiros, envolve-se com toda espécie de atos ilegais e passa a consumir drogas.

O primeiro artigo “realmente gonzo” é publicado em 1970, em uma revista de esportes chamada *Scanlan's Monthly*, com o título *The Kentucky Derby is Decadent and Depraved*⁵ e trata de praticamente de tudo, menos do acontecimento em si. Além das bebedeiras e confusões relatadas, Thompson critica o modo de vida da população local, uma característica que se viu, a partir daí, em praticamente toda sua obra. O repórter Bill Cardoso, ao ler a matéria, inadvertidamente batizou o gênero: “Não sei o que está fazendo,

⁵ A mais tradicional corrida de cavalos nos Estados Unidos, que reúne as elites econômicas dos estados de base agropecuária neste país.

mas você mudou tudo. Isso está totalmente gonzo”⁶. Outro ponto crucial é a cobertura de uma corrida de motos que realiza no deserto de Nevada para a *Sports Illustrated*, não somente arrumando todo tipo de confusões relacionadas com o álcool e com o uso de drogas mas também (outra vez) abandonando os fatos e concentrando-se em uma análise do vício do jogo e das drogas que surge ao redor dos cassinos⁷. Neste ponto de sua trajetória alcança o status de “estrela”, de ícone da contra-cultura e passa a escrever para publicações como *Playboy*, *Rolling Stone*, *San Francisco Chronicle* e ocasionalmente, *Esquire* e *Vanity Fair*. À idade de 65 anos, no dia 20 de março de 2005, mata-se com um tiro de revólver em sua casa.

O jornalismo gonzo da atualidade tem sua força radicada na Internet, onde o número de contribuintes e de leitores cresce a cada dia. Fora da rede, são poucos e raríssimos os espaços onde podemos encontrar textos com a temática subversiva e subjetiva que consagraram o estilo jornalístico. Um exemplo é a revista TRIP, que conta com matérias produzidas pelo jornalista Arthur Veríssimo, apesar de que seus textos possuam apenas algumas características do estilo (texto em primeira pessoa, jornalista como protagonista do assunto), faltam a ele características marcantes, como a utilização de certa ficção em suas matérias e descrições extremas das situações vividas. No Brasil, mídias como a TV e o rádio não têm nenhum espaço dedicado ao filho bastardo do *New Journalism*.

Na Internet, onde a facilidade de expor esse tipo de material é maior, matérias gonzo e jornalistas simpatizantes do estilo podem ser em páginas Web e *weblogs* (*blogs*).

⁶ No original italiano, *gonzo* significa “absurdo”. Hoje o jornalismo gonzo também é chamado de jornalismo fora-da-lei, jornalismo alternativo e cubismo literário. Outro lema de Thompson interessante de ser ressaltado é “Quando as coisas ficam bizarras, os bizzaros viram profissionais”. Além do estilo peculiar, sua temática principal são as obsessões norte-americanas: sexo, violência, política, drogas e esportes.

⁷ Esta experiência é transformada em filme com *Medo e Delírio* (*Fear and Loathing in Las Vegas*), em 1998, com direção de Terry Gilliam.

Podemos citar como exemplo o jornalista André Pontes Czarnobai, conhecido apenas como “Cardoso”⁸ e que fazia parte do grupo conhecido como Irmandade Raoul Duke⁹. Esse grupo era formado por jornalistas profissionais e estudantes da área de comunicação, com o intuito de divulgar o estilo gonzo e de utilizar certas técnicas que são expressamente proibidas em sua profissão. A Irmandade não se sustentou por muito tempo e o *site* deixou de ser atualizado com novos materiais. O espaço ainda mantém no ar seu acervo de textos com informações calcadas no estilo rebelde e individual, e os textos que foram produzidas durante seu funcionamento.

No resto do mundo, principalmente nos EUA, é notável a participação dos *blogs* na descoberta de furos e escândalos. O que faltaria a esses intrépidos é apenas levar mais a sério o “ofício”. Quando Hunter Thompson se interessava por uma história, ele pegava o primeiro avião e passava a fazer parte dela. Mas boa parte dos “blogueiros” recebe o material em suas mãos e nem se preocupa em fazer um telefonema ou mandar um fax antes da publicação. Com a morte de Thompson, há o risco do jornalismo gonzo morrer com ele. Resta aos interessados de plantão colocar suas roupas de disfarce, sair da frente do computador e se jogar na apuração de histórias que ninguém na mídia tradicional ousaria ou se importaria em cobrir. Fazendo isso, sem esquecer é claro da subversão característica e do texto ácido, eles podem salvar o gonzo.

2. Características do jornalismo gonzo

Segundo CZARNOBAI (2003) o jornalismo gonzo não constitui uma mera distorção dos princípios do *New Journalism*, mas constitui uma nova veia estilística, propondo novos caminhos na apresentação dos textos, na escolha e abordagens do assunto

⁸ A utilização de codinomes no meio gonzo é considerado algo completamente aceitável e até muito comum. O próprio criador do gênero utilizava a alcunha de Raoul Duke em seus textos mais controversas.

⁹ Disponível em <http://www.raoulduke.ejb.net>.

e mesmo nas técnicas de apuração dos fatos. Como tradução dos ideais libertários da década de sessenta (o chamado Sonho Americano), utiliza métodos caóticos de captação e de liberdade criativa na hora de escrever os textos.

Suas principais características são:

1) **Captação participativa**: no que poderia ser relacionado com a observação participante, o jornalista gonzo não se limita a recolher informações e apurar os fatos; ele mesmo deve participar ativamente da experiência.

2) **Dificuldade de discernir ficção da realidade**: o jornalista pode criar situações e personagens irrealis, sempre e quando este estratagema aumente o nível de informação proporcionado ao leitor ou como técnica de proporcionar dramaticidade. Esta diferença entre ficção e realidade, entretanto não deve ser revelada ao leitor¹⁰.

3) **Uso do narrador na primeira pessoa**: relacionado com o fato de participar ativamente, a utilização da primeira pessoa na narrativa confere legitimidade ao relato.

4) **Uso de drogas**: ainda que facultativo, o abuso de drogas e álcool é uma característica na obra de Thompson,

Outro ponto interessante são as ilustrações gonzo. No caso de Thompson, sempre que seus textos foram ilustrados o responsável foi o artista Ralph Steadman, possuidor de um traço nervoso, sujo, comunicando a impressão de pressa, estando relacionado diretamente com a espontaneidade do texto gonzo. Além disso, figuras humanas distorcidas, faces bizarras relacionam-se com o uso das drogas.

¹⁰ Thompson costumava adotar a frase de William Faulkner, segundo o qual “a melhor ficção é muito infinitamente mais verdadeira que qualquer tipo de jornalismo”. Segundo CZANORBAI (2003) isto não significa que um gênero fosse melhor que o outro, mas que ambos são métodos artificiais de informar algo ao leitor.

Para DANTON (2003), o jornalismo gonzo é mais que nada uma atitude perante o mundo e perante o jornalismo, ao realizar uma crítica radical da jornalística. Os jornalistas gonzo vêem o discurso da objetividade como uma tentativa de mascaramento, ao tentar convencer o leitor de que a imprensa é “isenta, livre de desejos, ideologias, medos e interesses de quem escreve”. Justamente, o jornalismo gonzo procura liberar-se deste formalismo, destacando para o leitor o fato de que existe um mediador da experiência.

De forma relacionada, surge uma contradição, pois ao mesmo tempo em que os fatos parecem importar cada vez menos ao jornalista gonzo, são justamente estes que parecem ter um maior comprometimento com a verdade, se não nos métodos e critérios utilizados, no comprometimento e escolha dos temas (COELHO, 2005).

3. McLuhan: o meio, a mensagem e o rádio

Para pensar a respeito de um programa jornalístico em um meio de comunicação dotado de características tão peculiares como o rádio e sobre um tema (conteúdo) tão peculiar como o jornalismo gonzo, devemos necessariamente refletir sobre estes dois conceitos, meio e mensagem. Neste sentido a teoria de Marshall McLuhan vem em nosso auxílio. Para este outro ícone cultural da década de sessenta, situado agora na esfera acadêmica, os meios de comunicação são geralmente pensados como um simples canal de passagem do conteúdo (inócuo, transparente, incapaz de influenciar os conteúdos veiculados) de uma comunicação, como mero veículo de transmissão de uma mensagem, embora seja na verdade o elemento dominante desta comunicação. Assim, para McLuhan o conteúdo deixa de ter tanta importância e o meio, ao estar relacionado com a cognição humana, passa a ser mais do que a soma das mensagens incluídas. Por exemplo, a mesma mensagem lida por um orador, impressa em papel ou apresentada no rádio fornece três

mensagem diferentes. O canal, então, molda como entendemos o mundo, resultando no famoso aforismo, “*o meio é a mensagem*”¹¹.

Mas exatamente, se o meio é a mensagem, “temos de estudá-lo, de compreendê-lo e de procurar inteligentemente, despertos e atentos, controlá-lo e dirigi-lo, para não nos entregarmos cegamente a seus efeitos e ao seu uso e exploração para fins que talvez não devêssemos aceitar, (...) para conduzir as tecnologias, que são modos de ser do homem, para seus verdadeiros fins e não os de sua perdição” (TEIXEIRA, 1970).

Analisando então o rádio, este está fundamentado na tradição oral, e na sua “sua capacidade de modulações infinitas e na sua proximidade aos factos de consciência, sentimentos e paixões, o homem de cultura oral está próximo de si e das coisas, preparado para discriminar as subtis variações dos seus afectos e para ter acesso a uma rica, densa e multiforme experiência do mundo” (POMBO, s.d.). Justamente, o rádio estimula a criatividade e a imaginação, tanto do locutor como do ouvinte, deixando espaço para que se crie na mente a realidade dos acontecimentos na medida em que estes são narrados.

Lembranças daquilo que o receptor tenha vivido ou mesmo assimilado a partir das experiências de outrem. O ouvir é um dos sentidos da paixão. E não é à toa que, no caso do rádio, as pessoas se sentem apaixonadas pela mídia. Um envolvimento diferenciado, por exemplo, do que geralmente alegam ter as pessoas que vêem muito (*sic*) televisão (SALOMÃO, 2004).

Ao elaborar um texto que deve ser oralizado, então, devemos estar cientes de antemão que o resultado será distinto ao do esperado para uma comunicação escrita, por exemplo, pois este adquire uma materialidade e identidade diferentes.

Porém, o que se tem observado é uma involução, em termos da plasticidade, ou seja, “formatos, linguagens e riqueza discursiva”. Frente ao desafio competitivo da televisão, o rádio passou a responder com cada vez mais imediatismo e instantaneidade

¹¹ A análise da obra de McLuhan é mais profunda e tem mais implicações que a realizada aqui. Por exemplo, PEREIRA (2004) destaca que existe um mito de que o intelectual canadense rejeitasse o conteúdo, a partir de uma série de mal-entendidos.

onde o “mundano, pobre e restrito universo da palavra expulsou do rádio a força sígnica da trilha sonora, dos efeitos especiais”. Demanda-se então um desafio criativo, que busque novas maneiras de constituir narrativas sonoras, um novo estatuto que re-valorize a força do elemento sonoro entendido como componente do processo comunicativo (SALOMÃO, 2004)

4. Rádio gonzo: uma proposta

Com esta base teórica em mente, por um lado o conhecimento dos princípios e conceitos do jornalismo gonzo, por outro lado o papel do meio na constituição de uma mensagem e especificamente as características de plasticidade e da linguagem oral relacionadas com o rádio, foi elaborado na ocasião da morte de Hunter S. Thompson um programa de caráter informativo como projeto experimental dos alunos de Jornalismo da Associação de Ensino Superior de Olinda – Centro de Estudos Barros Melo (CESBAM-AESO). O roteiro de tal programa é reproduzido à continuação:

PROGRAMA ESPECIAL – JORNALISMO GONZO

LOC: E você ouvinte? Sabe o que é o Jornalismo Gonzo?

TEC. SOM TIC-TAC 3 SEG / SOM DE ALARME

LOC1: Bom, acabou o tempo pessoal!

LOC2: Pois é, mas de qualquer jeito vocês não saberiam responder...

LOC1: Ou não, hein?!

LOC2: Mas não temam, pois esse programa vai ajudá-los a entender mais sobre o tema.

JOSE: É mesmo né?!

TEC. VINHETA DO PROGRAMA

LOC1: Esse é um programa especial, que vai explicar e analisar o Jornalismo Gonzo.

LOC2: Mas os ouvintes querem saber o que é Jornalismo Gonzo!

LOC1: Eu sei disso, mas temos que ter paciência!

LOC2: Não, nada de paciência, eu quero saber agora!

LOC1: Ora essa, pensei que eram os ouvintes e não você!

LOC2: Bom, eu também, é porque eu...

LOC1 (interrompendo): Hãh... não sabe hein?! Campeão...

LOC2: Sai daí...

LOC1: Bom, então vamos começar com um pouco de história.

TEC. ENTRA MÚSICA LEVE 5" E VAI A BG

LOC1: Nossa historia começa com um menino chamado Hunter Thompson, cheio sonhos, aspirações, fantasias e ambições. No âmago de seu ser desejava criar uma nova forma de fazer jornalismo, algo que não fosse limitado pelas barreiras da sociedade, que transcendesse a razão da complexidade moderna, uma forma singular.

TEC. ENTRA MÚSICA PESADA 2" E VAI A BG

LOC2: Mas o caminho para o inovador é uma trilha tortuosa. Após uma vida de fracassos e decepções ele encontrou sua epifania, quando trilhava a estrada de autodestruição, no submundo das drogas em São Francisco. Ao alterar sua realidade, sua narrativa renasceu. No fundo do poço ele viu a luz. Nascia o jornalismo gonzo!

TEC. MÚSICA 5" VAI A BG

LOC1. Ok! Imaginem isso: Você é editor de uma revista. Envia um repórter para cobrir uma corrida de motos e lhe dá algum dinheiro para despesas.

TEC. SOM SUPRESA

LOC2. O sujeito gasta tudo com drogas, carros, faz contas estratosféricas em hotéis, saindo sem pagá-las, arruma problemas com a polícia e ainda "desiste" da pauta.

TEC. SOM SUPRESA

LOC1. E aí vocês se perguntam: Qual o resultado de tudo isso? Desemprego? Não... Não no caso do norte-americano Hunter S. Thompson.

LOC2: Pois é. Ele virou símbolo de um jeito inconformado de escrever e de se comportar, e até mesmo um estilo de se vestir com sua camisa de botão florida, estilo turista e óculos de aviador!

LOC1: E já que estamos falando dele aqui vai nosso próximo quadro...

TEC. VINHETA UM POUCO DA HISTÓRIA DE HUNTER / MÚSICA 5" VAI A BG / SOM DE LEMBRETE!

LOC1: Thompson fez fama nos anos 70 escrevendo sobre política e sociedade na revista Rolling Stone, sempre a partir de um ponto de vista recheado de humor e bizarrice. Sua maior influência era o escritor William Faulkner, que dizia que a melhor ficção se parece mais com a verdade do que o jornalismo.

TEC. SOM DE LEMBRETE!

LOC2: Acrescentava marginalidade e subversão ao new journalism de Lillian Ross, Truman Capote, Tom Wolfe e Gay Talese. Todos criticavam a idéia de que o jornalista pode ser objetivo e isento e praticavam o jornalismo investigativo, usando técnicas da ficção. Mas Hunter queria mais: ria tanto do fato quanto do repórter, mostrando o quanto uma sociedade pode ser absurda e surreal.

TEC. SOM HOMEM ROUBADA / MÚSICA 5" VAI A BG

LOC1: Thompson se metia em todo tipo de roubadas: desde participar de convenções antidrogas chapado de mescalina até usar armas ilegalmente. Para amenizar os problemas, arranjou um pseudônimo (Raoul Duke), e um advogado.

LOC2: Hmm... interessante!

LOC1: Pois é, só que esse advogado era tão ou mais junkie do que o repórter e dava conselhos como "tome éter e dirija pela cidade".

LOC2: Muito louco!

LOC1: Lendo as reportagens de Hunter, o jornalista Bill Cardoso lhe disse...

BILL: "Não sei o que está fazendo, mas você mudou tudo. Isto está totalmente *gonzo*".

LOC1: Thompson adorou o termo (que ninguém até hoje sabe exatamente o que significa) e passou a dizer que fazia *jornalismo gonzo*.

LOC2: Ah, então quer dizer que foi assim que surgiu o jornalismo gonzo?

JOSE: É mesmo né?!

LOC1: Pois é! Interessante! Leia o resto da história aí no roteiro, por favor!

LOC2: Tá certo então... (limpa a garganta). Nascia então um folclore que se espalhou pelo mundo e inspirou seguidores, como Robert Fisk, Carl Hiansen (que investigam guerras, bastidores da política e crime organizado). Recentemente, o gonzo ganhou mais fôlego: o diretor Terry Gilliam lançou uma bem sucedida versão para cinema de um dos livros mais famosos de Thompson, Medo e Delírio em Las Vegas. Nela, o repórter é vivido por ninguém menos que Jonny Depp.

TEC. VINHETA POESIA GONZO

LOC2: Vamos agora para o momento poesia Gonzo, na voz do ator Adriano Portela!

LOC1: Ele vai recitar um poema escrito por Pedro Eduardo e Elias Neto.

TEC. MÚSICA UM BREVE MOMENTO TOCA 5" VAI A BG

Porque vieram aqui eu sei

Não importa em si quem é gay
Alienado se encontra o burguês
Pequinês?

Busque sempre o ideal
Meu pequinês faz au-au
Pegue agora no meu copo
Água?

Pingüim rosa na piscina
Ideologia?
Justiça no Brasil
Utopia?

Meu patinho de borracha furou
E agora?
Chora a madrugada pelo seu amor
Cai fora!

Ôoooo, duty duty
Abduh bidubah... ou não!

TEC. SOM DE APLAUSOS

LOC1: Bom, muito bom!

LOC2: Sabe, estive pensando em voltarmos a falar de Hunter Thompson!

LOC1: Já falamos o suficiente sobre ele!

LOC2: Não, ainda não, temos uma notícia triste para dar...

6. Conclusões

Através deste trabalho, foram alcançados três objetivos principais: 1) compreender as características do chamado jornalismo gonzo, à luz de seu desenvolvimento histórico; 2) entender algumas características do meio que podem moldar a mensagem, segundo a perspectiva teórica de Marshall McLuhan e especificamente do rádio e 3) aplicar estes conceitos teóricos para a realização de um programa de rádio experimental no qual o meio contribuísse de forma significativa para falar da própria mensagem. O uso da narrativa, do sensacionalismo, de uma linguagem coloquial, do diálogo entre o locutor e seu colaborador e de inúmeras interjeições ao longo da apresentação, ainda que não constituam jornalismo gonzo em si mesmo, auxiliam a compreensão deste gênero jornalístico, ao criar um

discurso afastado das normas tradicionais do rádiojornalismo. Além disso, ressaltamos o uso da trilha sonora e da declamação de um poema gonzo para resgatar a plasticidade do rádio e a riqueza discursiva deste meio.

Em relação à dificuldade mencionada anteriormente, o fato do programa não constituir uma peça gonzo em si mesmo, identificamos duas razões principais para justificá-lo. Em primeiro lugar, o jornalismo gonzo tradicionalmente limitou-se à mídia escrita. A transposição deste gênero de discurso a outro meio, como o rádio, com o intuito de criar um “radiojornalismo gonzo” autêntico é um objetivo que eventualmente pode ser alcançado, mas que exige um grande esforço. O segundo motivo seria justamente continuidade deste primeiro; ainda que experimentalmente pudéssemos tentar uma reportagem gonzo sobre o gonzo, neste caso a audiência teria grande dificuldade em compreender a mensagem, justamente devido a uma ruptura muito grande com a forma tradicional de veicular informação através do rádio. Neste sentido, a liberdade criativa, o uso da primeira pessoa, os temas e a linguagem aparentemente desconexas atuariam como ruído, ou mesmo como barreira, no processo comunicativo. Um espaço para o radiojornalismo gonzo, portanto, deve ser conquistado de forma gradual, através de um processo de “educação” do ouvinte.

Finalmente, em relação a própria mensagem, consideramos o estudo do jornalismo gonzo um objetivo justificado em si mesmo, ao apresentar os alunos uma visão diferente sobre o “discurso competente”, para utilizar a expressão de Marilena Chauí, que constitui hoje o jornalismo de massas. Questionar o jornalismo autorizado, pesquisar as propostas discordantes, estimular o pensamento crítico em relação aos conceitos de objetividade e neutralidade devem ser partes de um exercício de reflexão para os futuros profissionais da informação.

7. Referências bibliográficas

- ARNHEIM, Rudolf. **A estética radiofônica**. Barcelona, ed. Gustavo Gilli. 1980;
- COELHO, Marcelo. LSD, vômito e tumultos à beira-mar. *Folha de São Paulo*, São Paulo, quarta-feira, 09 de março de 2005.
- CZARNOBAI, André Felipe Pontes **Gonzo. O filho bastardo do New Journalism..** Dissertação de mestrado apresentada no Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- DA SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira. **Performance radiofônica: a plasticidade da palavra oralizada e mediaticizada**. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.
- DANTON, Gian. **Propostas discordantes no jornalismo**. *Irmandade Raoul Duke*, 2002.
- MCLUHAN, H.M., **The Gutenberg Galaxy: the making of typographic man**. Toronto: University of Toronto Press, 1962.
- _____. **Understanding media: The extensions of man**. New York: The New American Library, 1964.
- OTHITIS, Christine. **Common themes and their origins in Thompson's writing**. *The Great Thompson Hunt*, 1994.
- PEREIRA, Vinícius Andrade. **As tecnologias de comunicação como gramáticas: meio, conteúdo e mensagem na obra de Marshall McLuhan**. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004, Porto Alegre. 2004.
- PERRY, Paul. **Fear and Loathing: The strange and terrible saga of Hunter S. Thompson**. New York: Random House, 1993.
- POMBO, Olga. **O meio é a mensagem**. Manuscrito, s.d.
- SALOMÃO, Mozahir **O suporte sonoro e as novas mediações**. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004, Porto Alegre. 2004.
- TALESE, Gay. **Aos olhos da multidão**, 1973.
- TEIXEIRA, Anísio. O pensamento precursor de McLuhan. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.54, n.119, jul./set. 1970. p.242-248.
- THOMPSON, Hunter. **The great shark hunt**. Londres: Picador, 1979.
- THOMPSON, Hunter. **Fear and loathing in Las Vegas: A savage journey to the heart of the American dream**. New York: Random House, 1971.
- THOMPSON, Hunter. **Hell's Angels: A strange and terrible saga of the California motorcycle gang**. New York: Ballantine Books, 1967.
- THOMPSON, Hunter. **Songs of the doomed: more notes on the death of the American Dream; The Gonzo Papers, vol. 3**. New York: Simon and Schuster, 1990.
- VILAS BOAS, Sergio. **JL e o texto em revista**. *Jornalite – Portal de Jornalismo Literário no Brasil*. São Paulo, 2001.
- WOLFE, Tom. **El Nuevo Periodismo**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1976.